



GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI

Entrevista a Laura Costa

GD: De que gosta muito?

Ora esta pergunta merece uma resposta bastante abrangente. No que toca à gastronomia, digamos que arroz com ovo estrelado, pão com manteiga e café, chocolate e caipirinha estão no top 5 das minhas preferências.

Se falarmos de pessoas, já é mais difícil porque nas pessoas eu gosto de tudo, mesmo que me soe a falso porque é sempre um desafio conhecer o que está por detrás duma verdade ou duma mentira. Não vale a pena referir a sinceridade, o altruísmo e a bondade delas, porque isso seria por demais evidente.

No que toca à minha pessoa é bastante fácil. Gosto de paz e tranquilidade. Troco quase tudo por isso.

GD: O que detesta?

Ratos. Estar horas numa fila de trânsito. Ter insónias. Perder um voo por um motivo parvo.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Vejo isso das duas formas, porque com o avançar da idade vamos sendo surpreendidos com certas limitações que nos podem impedir de realizar alguns sonhos. Em contrapartida, à medida que o tempo passa vamos ganhando sabedoria, maturidade, capacidade de entender melhor os outros e uma coisa fantástica que se chama “liberdade-para-fazer-e-dizer-tudo-o-que-nos-apetecer”.

GD: Em pequenina, era uma criança difícil?

(risos). Eu ainda sou uma criança difícil.

GD: Pode dizer-se que os seus filhos saíram a si?

Os meus filhos sempre foram mais tranquilos do que eu. Os meus pais tinham sete filhos, e uns tomavam conta dos outros. O resultado, claro está, era uma grande algazarra e confusão. Acabava sempre com alguém a chorar (risos). Com os meus filhos as regras eram outras. Até porque o meu foco era neles e não lhes restava muito tempo para fazer grandes asneiras (o que nem sempre é bom). Relativamente às minhas “artes”, não. Estão numa área diferente e têm outros interesses.

GD: Como e quando é que começou essa aventura pela escrita?

Eu não sei muito bem. Mas acho que foi depois de ter recebido como presente o *Livro em Branco*. Como ele estava mesmo em branco, fui escrevendo até “encher”. Depois achei que se ligasse alguns dos textos poderia ter uma coisa parecida com uma história. E foi assim.

GD: O livro *Cabo do Mundo* tornou-se num caso sério de popularidade.

Entre outras coisas, ele passa-nos a mensagem de que que é possível redescobrir a felicidade e reconstruir novos caminhos, se estivermos dispostos a arriscar. O arriscar, é algo muito presente na sua vida?

Sim, claro. Mas não desde sempre. O arriscar implica, de certa forma, saber o que se quer, ou, melhor dizendo, o que não se quer da vida. E isso não se sabe desde sempre. É algo que vai surgindo e com o qual é preciso lidar com alguma sabedoria e coragem. Lá está, a tal idade a avançar (sorriso).

Agora uma difícil.

GD: Se lhe dissessem assim: «A partir de hoje só pode dar expressão à sua criatividade artística de uma forma.» Por qual delas optava? Escrita, pintura ou ceramista?

Afinal é fácil. Escrita, sem dúvida.

GD: Quem é o seu ídolo?

Não sou muito de idolatrar ninguém – até porque teria de ser alguém com quem eu me identificasse na perfeição. Sendo assim, escolho o meu pai, de quem herdei os melhores valores e que – tenho a certeza! – teria orgulho em mim, se estivesse vivo.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

De certa forma, sim. Mas o meio onde nascemos e crescemos ditam o resto.

GD: Nunca lhe passou pela cabeça abandonar o Banco BPI e dedicar-se a tempo inteiro às artes?

Houve alturas em que sim, mas como (infelizmente) viver da cultura no nosso país é quase impossível, em primeiro lugar estava a família e as contas para pagar. Sempre soube que era uma questão de tempo.

GD: Quando é que percebeu que a palavra «ceramista» ia começar a fazer parte do seu vocabulário?

Há uns anos, a recuperar duma cirurgia, decidi fazer um presépio em terracota. Estávamos perto do Natal e eu achei que era uma boa forma de passar o tempo. O projecto ficou tão ridículo como engraçado e foi alvo de variadíssimas piadas. Ou porque o José era chinês e o burro parecia uma vaca e a vaca tinha menos uma teta (risos). Enfim, um presépio como nunca visto. Não sei se para calar a boca aos engraçadinhos ou se para mostrar que a coisa podia melhorar, entrei na vida de ceramista como se não houvesse amanhã. Claro está que as graças continuaram, mas a coisa melhorou.

GD: O livro *Para sempre e mais um dia* surge em jeito de homenagem a um amigo de longa data. Porque sentiu necessidade de a prestar?

Apesar de não possuir quaisquer estudos a nível de educação especial, o Lourenço (o meu amigo autista) desenvolveu em mim uma curiosidade sobre o assunto que me levou a várias pesquisas. Queria aprender a lidar melhor com as suas crises de isolamento social e de repetição de vários movimentos. No meio dessa procura encontrei artigos sobre várias crianças, com comportamentos diferentes umas das outras e capacidades extraordinárias de memória, para além de talentos específicos. Daí nasceu o Gil, personagem do livro de que falamos.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

A vida. Acho que nunca irei aprender a morrer.

GD: E o que é que é um dia perfeito?

Ui... isso não há. Mas digamos que um dia “quase-perfeito” para mim seria:

- Manhã: Um passeio junto ao mar, seguido dum bom pequeno-almoço numa esplanada com sol.
- Almoço: *Sushi*, vinho e boas gargalhadas.
- Tarde: Um filme romântico.
- Noite: Marisco.
- Ceia: Velas, vinho e boa conversa.

(talvez tenha uma surpresa... depois disto)

GD: Na vida qual é que é mesmo a regra do jogo?

Em todos os jogos só ganha quem cumprir as regras. Infelizmente, na vida as coisas não são bem assim. Por isso há que tentar permanecer “à tona” usando a regra básica da sobrevivência: Não desistir.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

Acho uma ótima ideia. Para mim, chega a ser terapêutico. Perguntas e respostas que nos fazem pensar.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Nunca deixem de sonhar.

GD: Até hoje, qual foi o dia mais difícil, durante a pandemia?

A morte da minha mãe.

GD: Como é que alguém com clara tendência artística aparece a trabalhar num banco?

(resposta no texto de introdução)

GD: Onde é que gostava de estar, daqui a 10 anos?

Nos Açores: a viver numa casa de madeira, junto à praia; sem preocupações de espécie nenhuma; livros, café, chocolate, tintas, pincéis, telas, barro e muito sol.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

Depende de como e a que horas tiver adormecido. Mas se tiver um bom motivo, salto da cama, sem qualquer tipo de ronha.

GD: Acorda bem-disposta, ou só depois das 10.00h?

Acordo quase sempre bem-disposta. Não gosto das pessoas que culpam a falta do café pelo mau feitio que têm ao acordar (por exemplo).

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

Caipirinha.

GD: Se o euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que fazia?

Livrava-me dos compromissos e viajava – muito!

GD: Está zangada com alguém?

Não. Isso gasta muita energia.

GD: O que é que a idade nos oferece?

Para além dos cabelos brancos? Sabedoria.

GD: E o que é que ela nos tira?

As pessoas que amamos.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

A mesma que pautou a vida do meu pai. Não dever nada a ninguém.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Para a árvore. Sou mais dada a pormenores.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Sem dúvida, na capacidade de mudar.

GD: Tem saudades de quê?

Não são bem saudades, mas gosto de lembrar os momentos que me fizeram feliz.

GD: O que queria ser quando era menina?

Dependia dos dias. Quis ser padeira, professora, operária numa fábrica de cerâmica a pintar pratos e coisas relacionadas com Matemática ou Desenho. Mas quase todos os dias mudava de opinião.

GD: O que quer ser quando for velhinha?

Uma coisa impossível. Quando for velhinha quero ser independente (não sei se isso é profissão).

GD: E hoje, quem queria ser?

Uma super-heroína. Acho que o mundo está a precisar.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorre é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

Como disse e bem: um desejo idiota. Nunca achei que me tratassem “fora-da-idade”... até aos dias de hoje.

GD: Aos 58 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

O lugar-comum seria responder a palavra «nada». No meu caso não é essa a resposta. Aos 58 anos não se sabe muita coisa, porque a maioria faz parte do futuro. Mas sabe-se que não vai correr bem se incorreremos constantemente nos mesmos erros.

GD: Quem sabe os seus segredos?

Ninguém. Por isso são segredos.

GD: Quem é o seu maior fã?

Na esperança de que seja o meu primeiro neto/neta (quem sabe?).

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

Na maioria das vezes, sim.

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

Dinheiro para poder viajar.

Já percebemos que é uma mulher de desafios. Uma prova disso foi o desafio que a sua editora lhe lançou aquando do livro *Com Todas as Minhas Letras*, que acabou por representar um degrau importante na escada da sua realização como mulher e escritora. Esse não virar a cara a um bom desafio leva-nos à próxima pergunta.

GD: Qual é o próximo?

Um livro infantil, com ilustrações da minha autoria.

GD: Porque é que um livro de poesia faz que se tenha sentido mais realizada enquanto mulher?

São textos muito íntimos. Coisas de “mulher” guardadas à sorte durante anos. Palavras que ganharam vida.

GD: *Para além do além* foi escrito a pensar em alguém especial?

Tudo é escrito a pensar em alguém ou algo especial. Seja pessoa, imagem, momento. Tudo o que nos inspirar pode ser causa dum belo e sentido texto.

GD: *Com Todas as Minhas Letras* é uma daquelas obras que não se devora. É algo que se vai saboreando ao longo de uma, ou várias noites de insónia. Uma obra que nos obriga a conversar com o silêncio. Silêncio esse que dá voz à dança das palavras escritas. Quando, depois de juntar letras e formar palavras, percebe que o resultado final é algo tão bonito, subtil e harmonioso como aquilo que aconteceu em *Para além do além*, o que é que uma escritora sente?

Vontade de “gritar” cada palavra escrita.

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

Se gostei deste convite do Grupo Desportivo.

De imediato...!

GD: Qual o seu prato favorito?

Rancho

GD: Teatro ou cinema?

Teatro

GD: Prosa ou verso?

Prosa

GD: Livro ou crónicas soltas?

Livro

GD: Primavera ou Verão?

Primavera

GD: Beijo ou abraço?

Abraço

GD: *Jazz* ou *Rock*?

Jazz

GD: Manhã ou tarde?

Manhã.

GD: 25 de Abril?

Sempre.

GD: Séries ou filmes?

Filmes.

GD: *Croissants* ou pão de Mafra?

Croissant

GD: O filme mais... mais... mais...?

Era uma vez na América.

GD: Grupo Desportivo BPI?

Comunidade.

Por Rui Duque, 12-02-2021